

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 4 de Janeiro de 1837

N. 19

LITTERATURA.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

— Como te achas aqui? perguntou o doutor a Domingos, apoz um momento de silencio.

— Ha quinze dias que sigo Lourenço como uma sombra; depois de repetidos esforços consegui desmascaral-o. E o Sr., como se explica a sua presença nestes lugares?

— Meus feliz que tu, tenho corrido *séca e méca* para alcançar este resultado; já desesperava d'elle quando um acaso me fez conhecer o raptor de Luiza e a direcção que tomára.... porém isto não é para agora.... Sr. doutor, proseguio elle, fallando com o medico, disse ha pouco que respondia pela vida desta menina....

— Sim, Sr., e eis a minha promessa cumprida; Luiza volta a si.

Com effeito a joven fez alguns movimentos, pronunciando phrases entrecortadas; levantou-se um pouco e lançou um olhar espantado em torno do quarto. A presença de tanta gente, a attitude do medico, tudo lhe despertou a lembrança do que succedera meia hora antes.

Domingos seguia-lhe todos os movimentos com uma curiosidade pouco natural, aproximára-se de novo da cama, e esperou que fosse conhecido. Luiza, cujo olhar vago se fitára por um momento no doutor Gama, deu pelo fiel escravo de Carlos, e não pôde reter um grito.

— E' chegado o momento, disse o primeiro levantando-se, e tomando lugar perto do preto.

— Senhora.... continuou Henrique.

Luiza á vista do mancebo fez um movimento para precipitar-se nos braços d'elle, o pudor contevo-a, e pôde apenas estender-lhe a mão.

— Também o Sr., disse ella com voz commo-vida, entretanto que Carlos....

— Meu senhor, apressou-se Domingos em responder, estará talvez a esta hora procurando o mialvado.... não preciso defendel-o, a menina conhece-o tão bem como eu.

O Regedor intervio.

— Senhora, disse elle, acabe o seu depoimento, é preciso afastar d'aqui os importunos curiosos e continuar a viagem; o seu estado reclama os cuidados e disvelos de um pai ou de uma mãe.

Lourenço, o cobarde Lourenço, tinha perdido essa presença de espirito com que o temos visto em momentos criticos: assistia a tudo como se nada lhe dissesse respeito.

— Pouco terei a acrescentar sobre o infeliz pai de Carlos; o assassino.... está ali!....

— Mente! bradou Lourenço, como se uma vibora o tivesse mordido.

— Vi, tornou Luiza, vi, e infelizmente não me foi dado revelar primeiro este acontecimento.

— Sou victima d'uma calumnia, senhor, disse Lourenço ao Regedor, homens como eu não são assassinos.

— Mais que assassino; o Sr. é tudo quanto ha de máo na especie humana, disse o doutor Gama lançando a Castre um olhar temivel.

— Não tenho a honra de conhecel-o.... e esse insulto....

— Conheço-o demasiado; o homem que rouba a seu pai o que de mais claro tem sobre a terra, o homem que ousa tocar na extremidade dos dedos de uma donzella indefeza, isto por não querer satisfazer talvez uma paixão desenfreada, merece o stigma e a reprovação da sociedade inteira. Quem hade restituir áquella infeliz a honra.... a honra objecto tão precioso como a propria vida? Vamos, os bancos dos réos têm sido occupados por homens menos criminosos que o Sr., entretanto que as galés....

— Galés ? !

Sim, é o futuro que o espera ; sou o doutor Henrique da Gama Cardozo, por ella, por seu pai, por Carlos affrontarei todos os obstaculos para chegar a este resultado.

— Defender-me-hei, tenho documentos que me lavarão da nódoa de assassino....

— Não será verdade que pretendeu assassinar-me quando o interroguei ácerca do rapto desta menina? perguntou Domingos com ironia.

— Responderei em tempo ; tudo se conspira contra mim, as apparencias enganão.

Luiza escutava o malvado a tremer, tanta ousadia, a segurança com que Lourenço buscava arredar de si toda a culpabilidade, punha-a em confusão. O Regedor sabia mais do que era preciso.

— Senhor, disse elle aproximando-se d'aquelle, e tocando-lhe de leve no hombro ; em nome da lei está preso. Acompanhe-me.

— Perdão, este homem não pôde ficar em Foutello, disse Henrique, o depoimento d'aquella menina não é completo ; trata-se por em quanto de averiguar o rapto ; e a presença do doutor Rego é por demais necessaria e reclamo pois este homem, é em Armamar que deve ter lugar o interrogatorio.

— Nem uma esperança, disse Lourenço impalidecendo.

— Como estou contente, disse Domingos dispondo-se a sahir.

O Regedor cedeu ao pedido de Henrique.

(*Continúa.*)

A Caridade.

De todas as crenças que existem no Universo, é sem duvida a nossa religião a que é mais pura.

Os seus dogmas são tão simples, e tão philosophicos, que faz espanto, que os homens, que a profissão, não se tenham compenetrado como devião a seu respeito.

O author della foi tão sabio, e tão profundo na sua fundação ; e ainda tão minucioso, que elle proprio veio mostrar-nos, e ensinar-nos a sua observancia.

Foi elle quem nos ensinou essa virtude, que de todas é a mais sublime, e que só pôde ser emanada do céu.

A caridade é a joia mais preciosa que adorna a creatura humana ; mas é a verdadeir a caridade, e não se confunda com a philantropia ; por que essa é muito diversa.

Aquella foi ensinada por Jesus Christo, não só pregando-a, como tambem exercendo-a ; e esta é dos sabios modernos.

A caridade tem uma companheira inseparavel, essa companheira é tambem outra virtude nova.

Foi lavando os pés aos seus proprios discipulos, que o nosso Divino Mestre nos ensinou a humildade.

A caridade bem comprehendida, é mui difficil de executar. Ella pede mil sacrificios, e uma abnegação extraordinária. E' preciso que a creatura esteja inflammada no santo fogo da religião, e no amor do seu próximo como obra do Supremo Creador.

Não é nos sumptuosos palacios que ella pôde ser exercida, não... é preciso baixar aos hospitaes, aos carcerees, aos miseros casebres, e até mesmo á valla dos mortos.

E' esta virtude celestial, porque se pôde bem dizer que não existe sobre a terra ; porque nessas casas onde ella devia ser observado, é talvez onde menos esteja em pratica.

F. A. F. AMORIM.

Uma pagina de minha vida.

Quanto é bello ver o crepusculo da aurora em uma dessas lindas manhãs de primavera, no meu querido e sempre chorado Portugal ! Quanta poesia não falla ao homem que tem um coração para amar e um peito para sentir (principalmente sendo em uma dessas aldéas pitorescas que bordão o meu paiz), ver o pallido mas brilhante clarão da lua esconder-se por detraz do mais proximo outeiro, escutar o ciciar da brisa suave e ameno agitando a ramagem do mais chegado e taciturno arvoredado ; o cantar ledo e melifluo dos alados passarinhos balouçando-se por sobre os frageis raminhos de um frondente salgueiro ; o balar dos mansos cordeirinhos em seus pequenos redís ; o murmurar do fugitivo arroio despenhando-se tristemente de cascata em cascata ; o rumorejar da christalina lympa deslisando-se subitamente por meião da relva ; o toque ainda compassado do campanario na pequena ermida, revoando de espaço em espaço até echoar nos penhascos da sérra ; tudo enfim que de magico e sensitivo se pôde apresentar ao ente que embalde tenta penetrar nos mysterios da natureza.

Foi nos fins de Maio de 1849 que, na idade de treze annos, em uma dessas manhãs de que tentei fazer um esboço, que dormindo a somno solto fui despertado por um ligeiro tropel de cavallo, pouco depois interrompido, mas seguido por diversas pancadas na porta de minha habitação paterna.

Ainda socegradamente repousava em meu leito quando uma voz de homem do lado de fóra se fez ouvir dizendo: — « Partamos! não haja demora. » (*) — Reconheci o que estas duas palavras querião dizer: crão ellas do pai de um infeliz mancebo que, collega meu desde a mais tenra idade ia-o ser ainda agora em deixar a patria e viver commigo no exilio.

As duas palavras acima formárão uma revolução em tudo que mudo e silencioso até ahi me cercava; e eu dei um pulo em meu leito, pois reconheci de momento a situação em que me achava! Mil torvos pensamentos esvoaçárão nesse instante por minha mente. Meu peito anciava, e tristes lagrimas assomárão ás minhas palpebras; pois ia deixar nessa mesma hora, quem sabe se para sempre, tudo o que do mais cáro possuia na vida, tudo o que para mim existia de bom sobre a terra; esses folgares innocentes, esses carinhos maternos, esses sorrisos emfim de uma familia inteira!

Havia ficado por um instante como perplexo, envolvido nestes pensamentos, quando minha mãe, banhada em pranto, me veio tirar desse estado convidando-me com essas palavras affaveis e tocantes que só uma mãe carinhosa tem para seu filho, a levantar-me: suas lagrimas juntárão-se com as minhas; mas em breve achava-me prompto; e sem duvida, leitor, era para essa occasião que a scena mais tocante de minha vida estava reservada!

A porta da salla por onde eu tinha de sair achava-se aberta, e junto della estava eu entre os braços de uma mãe querida que, debulhada em pranto, via partir, bem contra sua vontade, um filho que muito amava e para o qual ideado tinha outro destino mais lisongeiro que não fosse o da separação; outro destino que não o do desterro, tão cheio de escolhos e espinhos; outro destino emfim, que não fosse o de me ver longe de seu lado gemendo no exilio!... junto a minha mãe era uma tia, e mais ao lado uma irmã que,

ambas tambem soltando lamentos de dôr, pretendião a todo o transe roubar-me ao peito dessa que agora me possuia, para estreitarem-me contra o seu, dando-me ao mesmo tempo o osculo de despedida. Um pouco mais distante jazia um ente tambem para mim bastante cáro que, mais exhausto de forças, e vergado pelos estragos que a idade traz apoz si, esperava exhalando profundos suspiros que chegasse a sua vez permittida, para lançar a benção áquelle que tantos momentos lhe tinha dado de ventura, esquecendo todas essas travessuras de que a idade juvenil é bastante fertil, era minha avó! Para completar emfim este quadro, uma mana mais nova a quem tinha havido a precaução de não acordar, despertava agora em sobresalto a toda essa confusão de vozes inextinguíveis, chamando em gritos por esse companheiro de seus folguedos que ia perder.

Vós, leitor, se acaso como eu já deixastes a patria e com ella esses entes que vos derão o ser, se já déstes esse adeus de separação aos que virão e acalentárão a vossa infancia, se já passastes emfim por transes iguaes ao que vos tentei descrever, ajuizai o que a minha penna jámais vos poderia explicar.

Alcansei emfim como louco sahir desse labyrintho de mágua; achando-me em breve no pateo fóra dessa habitação, berço de minha risonha meninice. O pranto resvalava com força por minhas afogueadas faces, e eu tive de suspender meus passos para, limpando-o, poder lançar ainda um olhar de despedida a esses lugares por onde tantas vezes feliz e descuidoso me entreti! Era nesse momento, leitor, que meus ouvidos escutavão, meu coração sentia e a meus olhos se apresentava toda essa poesia que, no principio destas linhas vos tentei descrever; era sim nesse momento que o sino de minha aldeã fazia ouvir seu toque matinal, os ligeiros passarinhos seus cantos doces e melodiosos, a brisa matutina seu cicio ameno e suave, a cascata seu despenhar rouco e gemente, os cordeirinhos emfim, seu balar despertando seus pastores; e todas estas vozes a que eu sempre fóra indifferente, nessa hora em que tudo ia deixar, soavão a meus ouvidos qual uma estranha melodia, que fez nascer em meu peito sentimentos, os quaes eu então não sabia appellidar, mas a que hoje dou o nome de poesia.

JOÃO DANTEAS DE SOUZA.

(Continúa.)

(*) Empregamos aqui estas palavras, mas pelo espaço de tempo que já tem percorrido não podemos certificar se fóra as proprias proferidas.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

Ainda o mez de Novembro de 182... estava em principio e já o frio atormentava rigorosamente. As chuvas erão tão consecutivas que prohibião aos habitantes de Lisboa o poder alongar suas excursões.

Antes das 5 horas da tarde já a noite começava a estender seu tenebroso manto, e a cidade logo ficava êrma e lugubre como um tumulo.

Passára o quinto dia desse mez, e a noite desse dia apresentava-se com aspecto medonho. As chuvas nessa noite engrossarão de um modo espantoso, que se julgaria que novo diluvio viria inundar a terra!

Os raios e coriscos succediam se uns após outros, e com tanta rapidez que causava assombro e terror no centro das familias.

Mas não obstante esse grande cataclisma estavam tres vultos parados nas esquinas de uma rua; o primeiro estava embuçado em um capote, e os outros dous estavam vestidos com japons, e como que aguardando as ordens do primeiro.

— Quantas horas são? perguntou Nicoláo que assim se chamava o primeiro vulto.

— Dez, responderão em choro João e Diogo.

— Oh! então daqui a pouco estará em meu poder aquella que vai dar principio á minha vingança.

— Mas, senhor, ha esta noite mais um estorvo, disse João.

— Mais um estorvo! exclamou Nicoláo. Quem é que ousará tolher-me o passo, quando até mesmo os elementos vierão hoje em meu auxilio! Desgraçado será aquelle que servir de obstaculo aos meus designios! E puxando por um punhal que trazia occulto disse: Queria ver a lamina desta arma... mas a profunda escuridão não me deixa satisfazer o meu desejo.

Ainda não tinha proferido a ultima syllaba quando um raio cahindo a vinte passos de distancia brillou com seu terrivel clarão.

— Santa Barbara!... exclamou João.

— Quem é que chama por santos quando não se precisa se não de demonios? ... Desejei ver o meu punhal, e o inferno mandou-me uma luz; então o que ha de extraordinario? nada; até aqui julgava que tinha só homens para me ajudar, mas agora vejo que tambem o inferno vem ajudar-me.

Pouco depois os tres vultos dirigirão seus passos para uma casa, que pela apparencia mostrava

não ser das mais pobres; mas ainda não se tinham aproximado da casa quando a porta se abriu para dar entrada aos tres individuos.

Nicoláo foi o primeiro que entrou, e dirigindo-se para Leocadio, perguntou:

— Está tudo prevenido?...

— Sim, senhor. Tudo foi, preparado de antemão... A' criada, que é rapariga intelligente, e da feição cá do rapaz, incumbi que na hora da cêa misturasse o opio com o chocolate, o que ella fez maravilhosamente; porque todos dormem, e a bom dormir; principalmente Christina, que tomou dôse maior. O velho usurario, esse já está encaixotado no seu quarto ao pé da sua querida burra de dinheiro, elle diz que não gosta de comer de noite, com receio das indigestões; mas eu creio que é para economisar mais alguns vintens, porém sempre tomou chocolate. O filho delle partio hontem para Salvaterra, foi cobrar as rendas por mandado do pai....

— Agora me recordo, disse Nicoláo, que João fallou que havia mais um estorvo!

— Ah! disse Leocadio, é um estudante pobre que é amigo do filho do patrão. Esse não nos incomoda, porque nunca sabe do sótão menos das oito horas da manhã. Agora, se precisas dinheiro, temos aqui uma chave do escriptorio do velho, que a bôa rapariga me deu....

— Não.... não quero dinheiro, quero só uma mulher!... Onde está Christina?....

— Está aqui neste quarto com uma velha que lhe serve de mãe.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

Missiva.

A E. ***

Emmena, tu que és a alma de minh'alma, a vida de minha vida, tu, anjo de meus sonhos, lá onde existes, recebe em teu seio este ai de pungente saudade, fraco lenitivo da angustia acerba que me devora o peito! Aceita-o que só a ti elle é enviado, e nascido entre a dôr e paixão que me definha!

Eu te amo, Emmena qu'rida,
Mais que a vida,

Mais que a vida eu hei de amar-te !
 Quero a ti só meus gemidos,
 Mui sentidos,
 Mui sentidos, consagrar-te.

Nas horas do maior silencio da noite, meu espirito agitado me arrasta para junto d'um bosque, e ahi escudado pela mudez que reina sobre a terra contemplo o bello quadro da natureza: minh'alma extasia-se de magas emoções ao fixar com melancolica tristeza a vista sobre os empinados cumes dos montes, que, como uma sombra escura se mostram além, apenas tocados de leve pela baça luz do astro da noite, que errante vaga com doçura pelo céu cravejado de saphyras !....

E' nessa hora, Emmena, que dou expansão ás largas dôres que meu peito opprime !....

E' nessa hora que meus labios escapar deixão um suspiro de amor e saudade, que mais veloz que uma setta, rasgando a densa folhagem que murmura ante o fagueiro impulso da brisa, com ella atravessa o espaço, penetra onde tu existes, e morre junto de teu leito, porque só a ti elle é consagrado !....

Tu a braços com o somno dos anjos
 E co' os anjos sómente a sonhar,
 Nem talvez o presintas queixoso
 Em teus labios gemendo espirar !....

Emmena, eu te amo muito ! oh muito !... duvidas acaso ?... Ah ! consulta estes bosques, estas flores, os annosos troncos que me rodêão, as aves nocturnas que esvoaçando pairão incessantemente sobre seus galhos, soltando ruidosos pios ao verem fugir ante si a innocente avesinha que escapa de suas garras !.... Consulta esta lymphá, que murmurando pressurosa corre a meus pés, e saberás quanto te amo e quanto peza o meu soffrer ! Então não deixarás de trocar commigo um suspiro d'amor ? !....

Mas que valem todas estas illusões e loucas esperanças ? !....

Talvez distrahida entre dourados festins, engolfada em novos amores, te mostres indifferente aos meus gemidos e lagrimas de dôr !....

Que importa que assim seja ? nasci acaso para ser feliz ?... não !.... que meu destino é carpir e soffrer ; mas soffrendo hei de amar-te, e só deixarei de amar-te quando meu peito gelar, e meu coração cessar de bater !....

Adeus, Emmena !... adens !.... o talvez para

sempre ! Se algum dia estas linhas regadas de pranto chegarem a ti, acollie-as em teu seio... aperta-as de encontro ao teu coração, pois só a ti ellas pertencem !....

Rio, 1 de Fevereiro de 1857.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

POESIAS.

O pescador.

Minha rêde, ao mar, ao mar,
 Vamos contentes pescar
 O badejo nadador ;
 Quero que alegre te escondas
 Lá no fundo dessas ondas
 Onde impera o pescador.

Sinto aqui venturas mil
 Debaixo d'um céu de anil
 Sem aos Reis inveja ter ;
 Sinto amor na singeleza
 Desta vasta natureza
 Quando vejo o sol nascer.

Aqui não ha corrupção,
 Nem dos homens a ambição
 Que sempre os faz humilhar ;
 Aqui não ha inimigos,
 E tenho por meus amigos
 Os gemidos desse mar.

De que vale esse passar
 Desses nobres a folgar
 Na cidade entre o rumor ?
 Se de noite desgostosos
 Elles quizerão vaidosos
 Ser humilde pescador ?

Em seu throno o mesmo Rei,
 Assentado dando a lei,
 Não o julgo mais feliz ;
 Quantas vezes civil guerra,
 Quantas vezes o desterra
 Do seu beindito paiz ? !

Quantas vezes a pensar
 Vai-se ao leito reclinar

Sem o somno poder vir,
 Porque tamanhos cuidados
 Pelo seu povo espalhados
 Fazem-n'o de si fugir.

Quando aqui o meu cuidar
 E' na rêde ver pular
 O ligeiro nadador !...
 Eu me julgo mais ditoso,
 Mais feliz e venturoso
 Qu'outro qualquer pescador.

Oh! minha rêde fagueira,
 Corre, corre, mui ligeira,
 Se obedecer-me te apraz,
 Volve das ondas no fundo,
 Nesse mysterio profundo
 Onde o meu imperio jaz.

Que sósinho ficarei,
 Aqui mesmo dormirei,
 Sem ninguem me perturbar,
 E amanhã inda mui cedo
 Hei de correr sempre ledo
 Mui tranquillo te buscar.

Minha rêde, ao mar, ao mar,
 Vai-me depressa pescar
 O badejo nadador ;
 Quero quo alegre te escondas
 Lá no fundo dessas ondas
 Onde impera o pescador.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Amor perdido.

E' sol posto, chega a noite,
 Chega, Lilia, a escuridão,
 E com ella mil angustias
 A meu triste coração !

Chegão com ella os momentos
 De tristes e acres lembranças
 Para mim, que já na terra
 Não tenho mais esperanças !

Chegão com ella os horrores
 D'uma paixão desgraçada
 Exacerbar minha mente
 Ao desespero botada !

Botada ao cahos tenebroso
 D'uma proterva agonia,
 Que minh'alma toda angustia
 Dilacera noite e dia !

Lilia ! a noite que outro tempo
 S' me fallava d'amor,
 Hoje me falla vingança
 Para teu peito traidor ! !

Vingança! sim, e terrivel,
 Para ti, mulher mentida,
 Que entornaste do infortunio
 O calix em minha vida !....

O calix que só continha
 As fezes do soffrimento,
 O lethal fel amargoso
 D'um longo padecimento !

Amei-te ! que horror eu sinto
 Ao recordar que te amei !
 Que já meu ser, minha vida,
 A teus pés depositei !

Infeliz ! e amei-te tanto
 O quanto amar-te podia
 Um coração todo ardendo
 No fogo da poesia....

Mas dize: p'ra que mentiste,
 Mulher ingrata, dizendo
 D'amor o fogo em teu peito
 Estar em chammas ardendo ? !

P'ra que, falçaria, aceitaste
 Os protestos que te fiz
 D'um amor que só podia
 Dar-te meu peito infeliz ? !

Para que tu protestaste
 Que jámais outro amarias,
 Ser minha p'ra toda a vida,
 Se nessas juras mentias ? !

Para que, furia, me deste
 Um abraço de penhor,
 Um beijo como a mais santa
 Prova d'um sincero amor ? !....

Quizeste fingir, fingiste
 Amar-me e eu acreditei-te...
 Amor de bardo, foi esse
 Amor santo que hotei-te.

Delle que provas pediste
 Todas as quaes não te desse ?
 Que de mim tu exigiste
 Qu' eu te não satisfizesse ?....

Quizeste pranto, verti-o,
 Juras quizeste, e jurei,
 Quizeste ver-me prostrado....
 E a teus pés eu mo prostrei !

Quizeste sangue, e esse mesmo
 Derramei, hydra, por ti ;
 Minha crença pura e santa
 Por te amar desconheci !

Ludibriaste-me ! e um raio
 Não houve que te partisso,
 Na terra nem um abysmo
 Abrio-se que te engolisse !

Oh ! custa a crer olydasses
 Os protestos mais sagrados
 Sem temer lançar tu'alma
 Ao fogo dos condemnados !

Nesse momento, os demonios
 Não viste acaso a teu lado
 Fazendo mil algazarrias
 A teu voto perjurado ?

Ou mesmo ainda o remorso
 Aproximar-se de ti,
 Vergar-te a fronte orgulhosa
 Desde esse tempo até aqui !

Não descobriste, de noite,
 Desde esse instante, sonhando,
 Mil fantasmas a teu lado
 Labaredas vomitando ?

Arrancarem-te do peito
 O coração despiedoso,
 Arrastando-te com força
 A um cahos fuliginoso ?

Inda não ! e tu zombando,
 Respondes, furia damnada !
 Espera pois, qu'inda a hora
 Não foi para ti soada.

Ha de soar, oh ! então
 Para mim quanta ventura !
 Hei de humilhar-te a meus pés,
 Cuspir-te na face impura.

Oh ! que então serei ditoso
 Vivendo de ti vingado....
 Por mim será Deos velando,
 Por ti, mulher, o peccado !

Declaração.

A L.***

Desde aquelle f'eliz momento
 Em que pela vez primeira
 A meus olhos te mostraste
 Tão casta e tão prazenteira,
 Desde logo me sorrio
 Uma esp'rança lisongeira.

Desde então por um momento
 Nunca mais pude esquecer-te ;
 Amava-te occultamente,
 Mas nunca o pude dizer-te !
 E jámais tive um instante
 P'ra meu amor off'recer-te.

Vivi assim longo tempo
 Na desejada esperança
 De te amar e ser amado ;
 Mas nunca a doce bonança
 Veio dar-me essa ventura
 Que me dourava a lembrança.

Soffri por um largo espaço
 A mais cruel incerteza ;
 Soffri, mas soffri constante
 Sem mudar minha firmeza,
 Porque no peito sentia
 A chamma d'amor acceza.

Porém hoje reconheço
 Ter o que tanto anhelava,
 Reconheço que de ha muito
 Teu peito a mim se inclinava
 Nesse volver de teus olhos
 Que só nos meus se fitava....

Nesse riso que, teus labios
 Me dirigem de ternura,
 Que puro amor revelando
 Todo cheio de brandura,
 O meu triste peito embala
 Com esp'ranças de ventura.

Porém que digo ! ventura ?....
 Quem vive de ti ausente
 Póde acaso possuil-a,
 Quando a saudade pungente
 Só me dá acres momentos
 De soffrir constantemente ?

E p'ra maior desventura
 Ver-te sem poder fallar-te,
 Conhecer o teu desejo
 E não poder escutar-te....
 Se eu não hei de possuir-te
 Melhor fôra não amar-te.

Mas como deixar-te agora
Depois de te haver amado !
Se eu jámais posso esquecer-te,
Nem ver de ti separado
O meu triste pensamento
Só por teu amor ligado !

Seja pois... não possa embora
O teu puro amor gozar,
Embora a mesquinha sorte
De ti me queira privar,
Sempre a ti hei de eu sómente
O meu amor tributar.

Rio, 16 de Janeiro de 1857.

M. CORRÊA BRAGANÇA.

A violeta.

NO ALBUM DO SR.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

No meu jardim mil florinhas
Eu tenho em toda a estação ;
Mas, d'entre todas, a uma
Eu dou só meu coração.

Tenho a rosa mui singella,
Em botão inda fechada ;
Porém a rosa não é
A minha flôr adorada.

Tenho cecens variadas,
E cravos de multi-côres ;
Mas ainda estas boninas
Não são as dos meus amores.

Tulipas, tambem camelias
Eu tenho como ninguem !
Mas não são inda estas flôres
As que os meus amores tem.

Tenho o lyrio branco e roxo,
Tristes saudades e amores...
Gósto dellas, mas eu amo
Outra que não estas flôres !

Entre, pois, tantas florinhas
Que existem no meu jardim,
Só tem a roxa violeta
Mil encantos para mim !

E nem sei mesmo a razão
Porqu' eu adoro esta flôr,
Se pelo grato perfume
Ou inda por sua côr.

Seja qual fôr o motivo
Só esta flôr posso amar :
Será ella pois neste album
Qu' eu venha depositar.

D. EMILIA AUGUSTA DE AZEVEDO E MELLO.

A' minha mãe.

Suspiros e prantos, gemidos, lamentos,
Dos negros tormentos d'ausencia penosa
Oh ! mãe carinhosa, desfihão-me a vida
Em uma illudida esperança, enganosa !

Um canto sentido,
De magoa nascido
Eu, mãe, anhelava
Aqui te offertar ;
Mas, neste momento
Debalde eu intento,
Apollo m'o nega,
Não quer m'inspirar.

Debalde eu intento, é em vão meu almejo,
E já antevejo que em vão tentarei,
Que nunca serei bem ou mal inspirado....
Meu plectro forçado jámais tangeri.

Findou-se a alegria
Que d'antes havia,
Oh ! mãe adorada,
Que sempre senti,
Quando essas delicias
De tuas caricias,
Qu'eu hoje recordo,
Mui ledo frui.

E oh ! mãe carinhosa, meus labios gelados
Do peito, coitados, não sabem contar
O duro penar, a saudade amargosa !....
Ai ! mãe bondadosa !... Não posso acabar ! ! !....

Rio, 12 de Fevereiro de 1857.

ANASTACIO JOSÉ DOS SANTOS JUNIOR.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).